



N.º 93 - LISBOA, 20 DE OUTUBRO

2.º ANO 1914

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**

PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois d. publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 86, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 32 num. 1.500 rs. | Brazil, anno 32 numeros. . . . . 2.500 rs  
Semestre, 26 numeros. . . . . 7500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1.5000 rs.  
Cobrança pelo correio. . . . . 51000 rs. | Estrangeiro, anno, 32 numeros. . 1.5000 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data: tem porem de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**

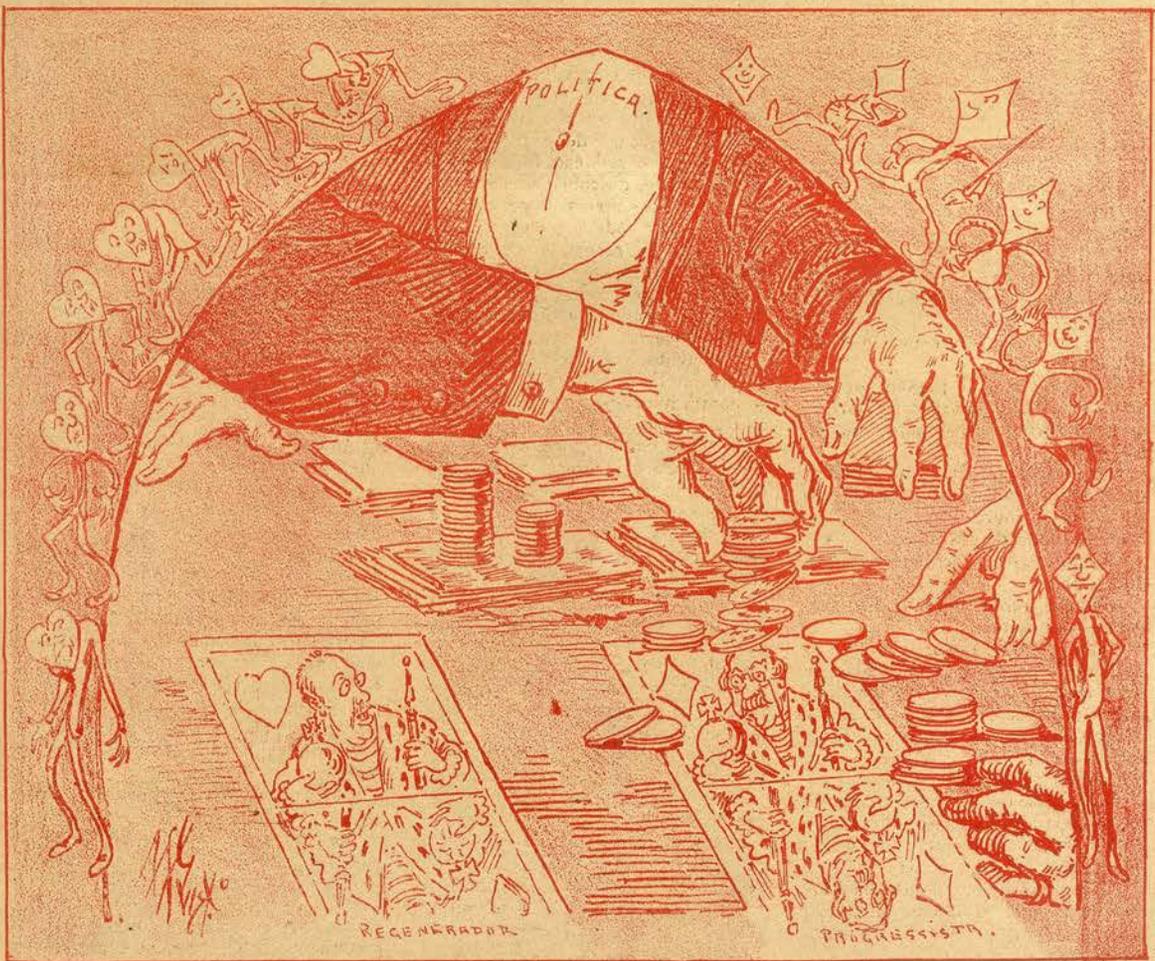
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

**Lithographia Artistica**

Rua do Almada, 39 e 34

### MONTE-POLITICO



Um bom palpite

## UM MAU NEGOCIO

Nós não entendemos nada de negocios, porque está estabelecido que a intelligencia commum, capaz no entanto de todas as ousadias, é incompetente para comprehender simplesmente o que seja uma loja de bebidas. Não importa! — O negocio dos tabacos não nos parece tão bom como o descrevem os homens e os acontecimentos, no numero dos quaes figura já uma crise ministerial.

A proposta da Companhia dos Phosphoros, por exemplo, que veio decidir da sorte do governo, por ser — coisa curiosa! — excellente, consiste n'isto: a companhia em questão obriga-se a pagar pela concessão do exclusivo do fabrico dos tabacos, no reino, durante sessenta annos, a seguinte renda fixa annual:

De 1907-1911.....	6:000 contos
De 1911-1916.....	6:250 »
De 1916-1921.....	6:500 »
De 1921-1926.....	6:750 »
De 1926-1936.....	7:000 »
De 1936-1946.....	7:250 »
De 1946-1956.....	7:500 »
De 1956-1966.....	7:750 »

Esta pesada renda é tirada, durante sessenta annos, do producto da venda do tabaco.

Ora, nós perguntamos: estão os monopolistas d'este negocio bem certos de que se venda tabaco d'aqui a sessenta annos?

Sessenta annos é, primeiro logar, um longo cyclo.

Quantas coisas se passam em sessenta annos! Quantas transformações, quantas revoluções, quantos successos novos!

Em sessenta annos, tudo muda — os Estados mudam de governo, as consciencias mudam de ideal, a sociedade muda de costumes.

Do mundo de ha sessenta annos, o que resta?

Algumas monarchias constitucionaes — decrepitas.

Tudo o mais é novo.

D'aqui a sessenta annos, talvez se fume ainda, mas quem nos diz a nós que a organização do Estado, novas conquistas politicas, outras structures sociaes sejam ainda compatíveis com o regimen dos monopolios?

Tudo pôde ter mudado, tudo pôde ter caído, tudo pôde ter caducado.

Mas é bem certo que d'aqui a sessenta annos se fume ainda?

Fumar é um habito e nada ha mais instavel do que os habitos humanos, principalmente quando são considerados—maus habitos.

Ora, fumar é um pessimo habito. Por outro lado, a sciencia cuida cada vez mais do homem; e, por sua vez, o homem cada vez cuida mais de si. Nunca como hoje se pensou com mais afan em cultivar a vida, em prolongar a vida. Desde que se reconheceu, por exemplo, que a intemperança era uma causa de desperdício vital, o genero humano começou a comer menos.

Compare-se um menu de 1840 e um menu d'hoje. A alimentação antiga obedecia toda ella a idéas de gula. A alimentação moderna é toda regrada n'um pensamento de hygiene. Os menus são assignados pelos medicos, porque já não são menus:—são receitas.

D'onde provém a decadencia dos velhos habitos sedentarios e, até certo ponto, a do culto do lar? Da necessidade toda moderna de —fazer exercicio, procurar no movimento e no ar livre energias novas para viver e prolongar a vida. O campo, outrora, era uma diversão. Ia-se ao campo procurar as graças pagãs da natureza. O campo era Diana, o campo era Pan. O que se vae hoje buscar ali?—Oxigenio e azote.

Mas foram os progressos da microbiologia que mais activaram o interesse da sciencia pela vida humana e mais sobresaltaram o homem collocando-o n'esse pé de guerra com a vida, que é o seu estado actual. A microbiologia, descobrindo um mundo de inimigos invisíveis da vida, espalhados por toda a parte, vivendo no ar que se respira e na mesma agua das fontes, que se bebe, lançou o panico no genero humano. O medo de morrer tornou-se então uma doença collectiva.

Entretanto, a sciencia não descansava e punha o homem de sobreaviso contra mil causas de deperecimento e de morte. O vinho, o vinho patriarchal, o vinho biblico, o vinho que corria desde o alvorecer da humanidade em todas as amphoras e em todos os vasos; o vinho que já não parecia ser um liquido obtido por processos humanos, mas uma agua roxa brotando já perfumada e quente, das proprias rochas do Creador,—o vinho foi declarado pernicioso, venenoso, mortal. O alcool appareceu como uma causa de degeneração. A maldade dos filhos, a preversidade da descendencia, a epilepsia, o crime, o que eram afinal? Um copo a mais bebido pelo Antepassado. Depressa! O homem declarou a guerra ao alcool, os institutos scientificos encheram o mundo de prospectos declarando o alcool nocivo, os philanthropos organizaram-se em sociedades de recreio para combater o alcool, o Estado fez affixar nos logares publicos advertencias paternaes ennumerando os perigos do alcool.

O que succedeu? Succedeu que a venda das bebidas alcoolicas em toda a parte diminuiu. Por sobre as mezas onde outr'ora pompejavam os vinhos e as aguas-ardentes, arrastaram hoje em chusma as garrafinhas de agua mineral. Em Paris, meio mundo bebe agua, dizia-nos ha dias um recémchegado d'essa capital que em tudo pesa nos destinos do mundo. Para beber agua, organizaram-se associações, como outr'ora para beber morphina.

Ha pouco tempo, a imprensa de Paris fez um inquerito sobre—a porção de vinho que o homem poderia beber sem inconveniente; e os resultados foram fulminantes. — Nenhum vinho! Alguns medicos no entanto, menos severos, declararam que meio litro ás duas comidas e com agua de Vichy para enxaguar a bocca, podia ser permitido ás naturezas enraizadamente alcoolicas, a titulo de regimen.

O consummo do vinho baixou.

Mas beber é um habito que tem raizes seculares. Já Noé, o patriarcha, antes do diluvio, bebia. O vinho tornou-se, por assim dizer, pela sua longa tradição, indispensavel á vida, a que traz calor, alegria, fecundidade. O vinho é o irmão do prazer. Já nas bodas de Caná corria o vinho de Astrub. Não ha festim sem vinho. O vinho é o licôr da felicidade.

O tabaco, porém, se é um habito, é um habito muito moderno. O tabaco veio com a descoberta da America e entrou na Europa e nos costumes europeus como alguns seculos antes tinham entrado, com a descoberta da India, a pimenta e a canella.

Não tem historia. Sabe-se vagamente que foi trazido da America por um individuo chamado Nicot. Não tem tradição. Noé não fumava. Em vão buscaremos Salomão construindo o templo, enriquecendo o commercio, cultivando as letras, de charro no labio.

O tabaco é um recémchegado. Entrou nos costumes, mas quem nos diz que não desaparecerá?

Por outro lado, se o alcool está sendo combatido em nome dos interesses vitais do homem, o tabaco não o está sendo menos. Contra o tabaco pronunciou-se já a sciencia vigilante, e o homem, por sua vez, começou já a reparar que, entre todos os seus habitos e actos, o de deitar fumo pelas ventas é porventura o mais inexplicavel, absurdo e estúpido.

Quem recrimina um bom copo de Johannesberg? — O vinho, a despeito de todas as fulminações dos sabios, permanece sempre tentador. O habito do tabaco ao contrario, é aquelle de que nós nos ufanamos menos. As creanças, quando o tem, escondem-n'o. Os homens deploram-

n'ò. Raros o cultivam com enthusiasmo. Todos o procuram perder. Não o perdem, mas perdel-o-hão talvez os seus filhos, os seus netos.

Quem toma hoje rapé? — O rapé no entanto foi um habito colectivo.

Quem fuma o cachimbo? — O cachimbo caiu em desuso.

Já é de máo gosto fumar em certos logares. O tabaco, que parece necessario a toda a gente, incommoda meio mundo. Em toda a parte os fumistas são isolados, como individuos. atacados de doenças contagiosas. Nos caminhos de ferro e a bordo dos paquetes tem compartimentos reservados; nas salas, recintos proprios onde praticarem o seu vicio. Fumar é um acto de desinvoltura, algumas vezes de máo gosto, outras vezes grosseiro, — e o que pensar do futuro de um habito que após um século de exercicio não obteve ainda a sancção geral, é mal visto e, finalmente, reputado nocivo?

Esse habito, segundo todas as apparencias, está destinado a passar — e então perguntamos nós que garantias dá um negocio que exclusivamente se funda n'elle?

A nosso vêr—poucas.

Se o Estado ainda pôde ganhar, descontando sobre o futuro, a Companhia dos Phosphoros arrisca-se a perder, contando unicamente com elle, porque nada ha mais instavel, incerto e traiçoeiro do que o dia d'amanhã, se é como n'este caso, apenas um pouco de fumo que se adelgaça e esvae...

JOÃO RIMANSO.



#### Archeologia e culinaria

A Sociedade Archeologica Santos Rocha, da Figueira da Foz, realisou no passado domingo a sua 5.<sup>a</sup> sessão plenaria, sendo lhe presente, entre outras, a seguinte comunicação do socio Manuel José de Sousa—«A colher de pau nos usos populares do concelho da Figueira».

A Archeologia é uma sciencia de infinitos recursos.—Toma uma colher de pau e não é nada—é pau para toda a colher.



#### Civilização e chevottes

Porque se abriu uma nova loja de alfayate, um dos nossos collegas da tarde afirma exaltadamente que Lisboa caminha na vanguarda da civilização.

E' o que se chama—precipitar os acontecimentos.

## A VERRUGA

De vez em quando produz-se na politica portugueza o seguinte phenomeno: um dos muitos individuos que militam já no partido regenerador, já no partido progressista, declara-se desavindo com a sua facção e, servindo-se das situações e postos que conquistou graças a ella, passa d'ahi a atacal-a com o mesmo ardor com que a defendeu.

Tal o caso do sr. Arroyo.

Feito deputado pelos regeneradores, feito ministro pelos regeneradores, feito par do reino pelos regeneradores, feito grande homem, grande influente, grande força social pelos regeneradores que o descobriram, o inventaram e o elevaram, o sr. Arroyo, apparece-nos hoje antagonista, adversario, inimigo dos regeneradores.

Passam-se, no entanto, estes dissidentes para o partido opposto áquelle que abandonaram?

Passa-se o sr. Arroyo para os progressistas, depois de ter servido os regeneradores?

Não.

Estes dissidentes abandonam por igual os dois partidos, dos quaes se declaram por igual desiludidos.

Para onde vão então?

Estes homens não vão para parte alguma. Ficam dentro de si mesmos. Assim como succedeu com o sr. visconde de Chancelleiros, com o sr. Dias Ferreira, com o sr. Fuschini e com tantos outros, o novo partido do sr. Arroyo—elle o declarou já—é o seu eu. O orador—referem os jornaes que reproduziram o ultimo discurso do sr. Arroyo—accentúa que «não está nem com elles, nem com vós, nem comosco, mas comsigo proprio unicamente, pelo simples motivo de que sempre se tem dado excellentemente com a sua pessoa e não tem razão alguma para se queixar de si».

Não é já dissidencia: é a hypertrophia do moi.—é empola, é inchaço, é inflamação, é barriga de vento.

Occorre então perguntar o que ficam fazendo na politica estes homens que não representam senão a sua opinião, e que não são secundados nem pela solidariedade de um partido, nem pelo appoio de uma clientella, nem pela sympathia do publico.

Estes homes ficam na politica, no estado de verrugas.

O sr. Arroyo, por exemplo, é uma nova verruga no partido regenerador.



## O que disse a bruxa

Para saber quando em paz  
Do Oriente a guerra se muda,  
Vesti-me de homem do gaz  
E fui consultar, sagaz,  
A velha bruxa da Arruda.

Má lingua—embora te fartes  
De á velha atirar remoques,  
Ella tem fama, em mil partes,  
De ser doutora nas artes  
De berliques e berloques.

Ouve-me com attenção,  
Põe os oc'los no nariz,  
Faz uma cruz a carvão;  
E vae ao depois então  
Estas palavras me diz:

—«Olhe:—segundo os meus planos  
E os do doutor Claraboia,  
A tal guerra dos tyrannos  
Ha de durar bohs dez annos...  
E' como a guerra de Troya.

Lá, foi a bebedea Helena  
Quem quiz ter a presumpção  
De metter a peça em scena...  
Chama-se agora a peguena,  
Senhora D. Ambição!...

Quem olha as coisas a fundo,  
Notando o que vem detraz,  
Embora pouco profundo,  
Vê que as mil guerras do mundo  
Esta menina é que as faz!»

N'este discurso famoso  
Colhi da certeza os bens,  
Por que andava desejoso,  
Despedi-me, respeitoso...  
E dei-lhe quatro vintens.

SIMPLICIO.



## Uma boa noticia

Alegrem-se os habitantes dos bairros servidos pelo prestante e progressivo ascensor!

A direcção da respectiva companhia resolveu que a redução a 30, 20 e 10 réis nos preços das passagens até ao meio dia, seja mantida até 15 de novembro exclusivamente.

Excusamos dizer que esta magnanima medida foi recebida com geral regosijo.

Desde logo algumas familias habitando os bairros da Estrella, Graça, etc., decidiram, para aproveitar este beneficio—levantar-se mais cedo até ao proximo dia 15 de novembro.

Depois de 15 de novembro vigora a antiga tabella, mas em compensação—consta— a Companhia promete debellar o cheiro a alho que exhalam as suas installações de acetyleno no ascensor da Estrella.

E' outro melhoramento que, estamos certos, o publico saberá agradecer.

# O GOVERNO E OS PHOSPHOROS



A noite à surprises ou... a caixa de phosphoros

## O ENIGMA

Havia na politica nacional um homem enigmatico.  
'Esse homem era o sr. Pereira de Miranda.

Immenso talento!  
Lamentavelmente, esse immenso talento recusava-se com obstinação a entrar ao serviço do paiz.

Todos os governos o sollicitavam. A todos, cortez, mas duramente, elle negava o concurso do seu immenso talento.

Por fim não eram já os governos que pediam o concurso do sr. Pereira de Miranda. Era o paiz—o paiz que não o conhecia senão de o ver pelas costas e que por isso talvez, se habituou a admirar-o—e a desejar-o.

Os portuguezes tiveram sempre, como está verificado, a superstição do providencialismo dos grandes homens.

Desde logo, o sr. Pereira de Miranda ficou de reserva para uma afflicção.

Um dia elle se decidiria! Entretanto, o paiz ia-se governando com o concurso de capacidades secundarias; quando, eis que o sr. Pereira de Miranda se decide e aceita o poder.

Ah! Não foi sem difficuldade! Já mesmo os jornaes annunciavam que entre sua ex.<sup>a</sup> e o sr. José Luciano de Castro houve na passada terça-feira, uma scena commovente. Por outro lado, as chamadas de sua ex.<sup>a</sup> a Cascaes não tiveram conta.

N'uma palavra, sua ex.<sup>a</sup> cedeu.

O enyigma vae decifrar-se.

Sobre sua ex.<sup>a</sup> pesam n'este momento a attenção do paiz e a de todos os assignantes do *Almanach de Lembranças*.



## PROJECTO DE LEI

Houve em Hespanha um duello, do qual resultou a morte de um dos adversarios.

Clamôr geral em toda a Hespanha!

A nós parece-nos que a questão dos duellos não foi ainda posta nos seus devidos termos.

Os costumes admittem o duello, com a condição, porém, d'elles não se tornarem fataes.

Todos os dias e em toda a parte, os homens se batem, o que é quanto a nós uma das poucas coisas cavalheirescas que os homens ainda fazem — e ninguém se alarma. Mas que um d'esses novos combatentes caia no campo, ferido de morte, e meio mundo se levanta clamando vigilancia, repressar, perseguição, castigo.

O que é preciso, portanto, fazer para dar satisfação a esta moral successivamente indifferente e sensivel?

Regulamentar o duello. Os codigos do duello não tem character official. Dar-lhes força de lei, e, então, redigil-os simplesmente assim:

ARTIGO 1.º — O duello é permitido.

ARTIGO 2.º — A morte causada em duello é punida com as penas applicaveis ao homicidio voluntario, com premeditação.

§ unico. — Fica revogada a legislação em contrario.

N'estas condições, tudo entra nos seus eixos.

Ha um duello. Não é nada! São apenas duas pessoas que estão procurando — não se fazer mal algum.



## As grandes pugnas da palavra

Na sessão da camara dos pares, em que o sr. João Arroyo fez uso da palavra, travou-se entre este digno par e o sr. Hintze Ribeiro o seguinte alto dialogo, que aqui estampamos, com vista aos que não tivessem a vantagem de estar presentes n'esse memoravel momento:

O sr. João Arroyo — Chagas chamou a José Estevam uma carga de couraceiros em Waterloo; Alves Mendes disse que Fontes era um raciocínio á espera de um assumpto. Elle, orador, diz que o sr. presidente do conselho «é um fermento á espera de uma dissolução!»

O sr. Hintze Ribeiro — Definiu-o s. ex.<sup>a</sup> como sendo um fermento á espera de uma dissolução. Ora o fermento é a imagem da vida humana. E' um impulso. Nascer, crescer, trabalhar, desenvolver, e, por fim, morrer: — a dissolução. No entanto, ha factos mais graves do que o fermento em dissolução: São as dissoluções em fermentos.

Nós mesmos não estivemos presentes, mas ouvimos que foi um momento de profunda sensação.

A camara toda, ennobrecida por um tão vivo fulgor de idéas, de conceitos e de palavras, viu resuscitar os melhores dias do systema parlamentar.

Findo o bello torneio, a assistencia em peso, sala e galerias, concordou que tinha sido uma sessão de apteite.



## Uma lição matinal na Escola Medica

A grande novidade d'este anno na Escola Medica de Lisboa, é uma aula que começa ás 6 e tres quartos da madrugada.

Os alumnos, para maior comodidade, resolveram pernoitar na aula, para o que fizeram transportar para ali os seus leitos e as respectivas bancas de cabeceira.

Assim, as coisas passam-se excellentemente.

Quando chega a hora da classe, ainda escuro, é o professor em pessoa quem acorda os rapazes, que se dão apenas ao trabalho de abrir os olhos.

Procede-se á chamada.

A's vezes, um mais pegado no somno, vira-se para o outro lado; mas a coisa não tem importancia: marca-se a falta, que o alumno justifica no dia seguinte com um atestado de doença, allegando naturalmente a doença do somno, por ser esta a que tem mais actualidade medica.

No decurso da lição, outros pedem venia e vão fazendo as suas lavagens. Alguns mesmo, fazem a barba, enquanto outros, entretanto, vão aparrando os calos.

Quando acaba a lição, serve-se o café.

Não é bem a Escola Medica. E' um pouco o *Hotel do Livre Cambio*, mas está-se, em summa, perfeitamente á vontade.



## GUITARRA DA PARODIA

## MOTE

Teus olhos são mais escuros,  
Do que a noite mais fechada:  
Apezar de tão escuros,  
Sem elles não vejo nada.

## GLOSA

Escuras são as amoras  
Que uma amoreira nos dá,  
Escuro és, jacarandá,  
Que no fertil Brazil moras;  
Escuras são essas horas  
Que assignalam fados duros;  
Nas masmorras 'stão seguros  
Os presos, na escuridão...  
Pois, acredites ou não,  
Teus olhos são mais escuros!

Repara, repara quando  
A trovada cae de noite,  
E o raio vem, como açoite,  
Toda a gente amedrontando:  
Escuro o céu se mostrando,  
Não mostra á terra, assustada,  
Nem uma estrella doirada...  
Pois teus olhos, minha linda,  
São mais escuros ainda  
Do que a noite mais fechada!

Sabe, ó imagem querida,  
Que, naufrago em taes escolhos,  
Eu quero mais aos teus olhos  
Do que quero á propria vida!  
Sem elles vejo perdida  
A esperança de aureos futuros;  
Que elles não sejam perjuros...  
E jurarei adoral-os,  
A toda a hora beijal-os,  
Apezar de tão escuros!

Encanta o brilho do sol,  
Mesmo a luz dos pyrilampos,  
Encanta o florir dos campos  
Onde trina o rouxinol:  
O despontar do arrebol  
E' uma scena encantada...  
Mas que importa, minha amada,  
Se a falta dos olhos teus  
Traz a escuridão dos meus,  
Sem elles não vejo nada!

VENANCIO.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

**AVISO AO PUBLICO**

Desde 1 de setembro de 1904 será posta em vigor a nova tarifa especial interna n.º 9 de grande velocidade — Bilhetes collectivos para grupos de 12 ou mais passageiros de 3.ª classe, em todas as linhas d'esta Companhia com excepção do Ramal de Cascaes.

Nas estações d'esta companhia póde o publico consultar e obter por compra a referida tarifa

Lisboa, 19 de agosto de 1904.

**SERVICO DOS ARMAZENS—Fornecimento de madeiras diversas.**

No dia 26 de setembro, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de madeiras diversas.

As condições estão pagentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edificio da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 16 de agosto de 1904.

Pelo director geral da Companhia, o engenheiro subdirector—Augusto Luciano de Carvalho.

**Um ex-incredulo**

(Continuação)

que devo a minha boa saude, o que do coraçao lhe agradeço, bem como ao amigo de quem não publico o nome, pelo bom e benefico conselho que me deu.

Lisboa, 25 de julho de 1904.

Miguel de Lima.

Rua da Quintinha, 52, rez-do-chão.



**Ourivesaria e Relojoaria**

com officina annexa

de fabrico e

de reparação

**FLORINDO**  
JOIAS  
COM  
bailhantes  
PREÇOS  
Limitadissimos  
99, RUA AUREA, 99

**Sorte grande**

VENDIDA NA CASA

**Campião & C.ª**

118, Rua do Amparo, 118

LISBOA

1676, vigesimos..... 25.000\$000

O numero mais premiado, vendidos n'esta casa, na extracção do dia 15 foram :

1676.....	25.000\$000
1675.....	1600\$00
1677.....	100\$00
271.....	100\$00
219.....	100\$00
219.....	100\$00
4637.....	100\$00
535.....	100\$00

Loterias seguintes :

22 de Outubro—Premio maior.... 12.000\$000

29 de Outubro—Premio maior.... 12.000\$000

Grande loteria do Na al a 22 de dezembro.

150.000\$000

Já se acham á venda nesta casa os bilhetes, decimos e vigesimos d'esta grande loteria.

Pedidos aos cambistas

**Campião & C.ª**

LISBOA



**Taboletas**

Em todos os generos  
**Francisco Santos**  
R. Gremio Luso 43  
Luz 21, 43

**Todos, todos**

Mouros, betas, arabes, siamezes, Gregos, turcos, chins, bretões, Russos, hespanhoes, belgas, japonezes. Todos vestem os celebres gabões.

Soberanos, imperadores e pobres, Fidalgos, honrados e ladrões, Marquezes, duques e nobres, Só querem os celebres gabões.

Musicos, litteratos, architectos, poetas, Serios, matutos, tristes, foliões, Malucos, ajuzados, loucos, patetas. Só usam os confortaveis gabões.

Gabões de Aveiro de 3\$800 a 25\$000  
Sohretudos da moda de 6\$000 a 25\$000  
Gabões para senhoras e meninas de 4\$500 a 45\$000 réis.

Capas á cavalleria, sobretudoos e capas impermeaveis.

**CASA DAS TESOURAS**

51—R. da Escola Polytechnica—55

**Callista pedreiro**

**JERONIMO PECHANDES**

Empregado da casa Ornellas R. SERPA PINTO, 48, 1.ª

Frete para o Chiodot  
**EXTRACÇÃO** de callos e  
desencravamento de unhas  
pelos mais moderno processos até hoje conhecidos.

Ped-se ao publico que visite este consulto lo para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.  
Das 9 ás 5 da tarde



**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL**

**Gaston Piel**

Das 9 da manhã ás 5 da tarde  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

**CASA PORTUGUEZA**

Papelaria e typographia

**José Nunes dos Santos**

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephonic 220—Endereço telegraphico Papetypo

**PAPELARIA**

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.

**TYPOGRAPHIA**

Trabalhos typographicos em todos os generos.

Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 69

LISBOA



**ORTHOPEDIA**

**CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos**

DE **MANUEL MARTINS**

FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,

ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(ANTIGA Calçada do Caldes

Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

**SALA MOZART**



**MONTE ROSEA**

**PIANOS**

**ORGÃOS**

Instrumentos musicos

RUA IVENS 52 54

LISBOA



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

A firma **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** participa aos seus amigos e freguezes que no dia 8 do corrente muda o antigo deposito dos seus genuinos vinhos de Collares, que estava na rua do Gremio Lusitano, 17, para a **R. N. da Trindade, 90**, proximo á cervejaria.

Aproveita o ensejo para convidar todos os seus consumidores e o publico em geral a visitar não só o mesmo deposito, mas as suas 12 adegas em Collares e Almoçageme sendo: duas na Quinta do Morraçal, uma na Varzea de Collares e nove em Almoçageme, uma das quaes, ultimamente inaugurada, é verdadeiro monumento no seu genero e seguramente das mais notaveis do paiz. Ali poderão verificar os visitantes o esmero e scrupulo empregado pelos annunciantes na confecção dos seus primorosos vinhos brancos e tintos, tão apreciados e popularissimos no paiz, Africa, Brazil e por toda a Europa.

A **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** são os maiores exportadores de vinhos de Collares e não ha commerciante brasileiro que venha ao nosso paiz, que não deseje visitar as nossas adegas.

Os vinhos da **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** encontram-se em todas as mercearias, hoteis, restaurantes e casas de pasto.

Pedimos a todos o nossos consumidores a cautela de verificarem a existencia das nossas marcas quer nas roilhas das garrafas, quer nas capsulas e ainda nos rotulos. Nas roilhas a marca é a fogo, no sentido longitudinal e

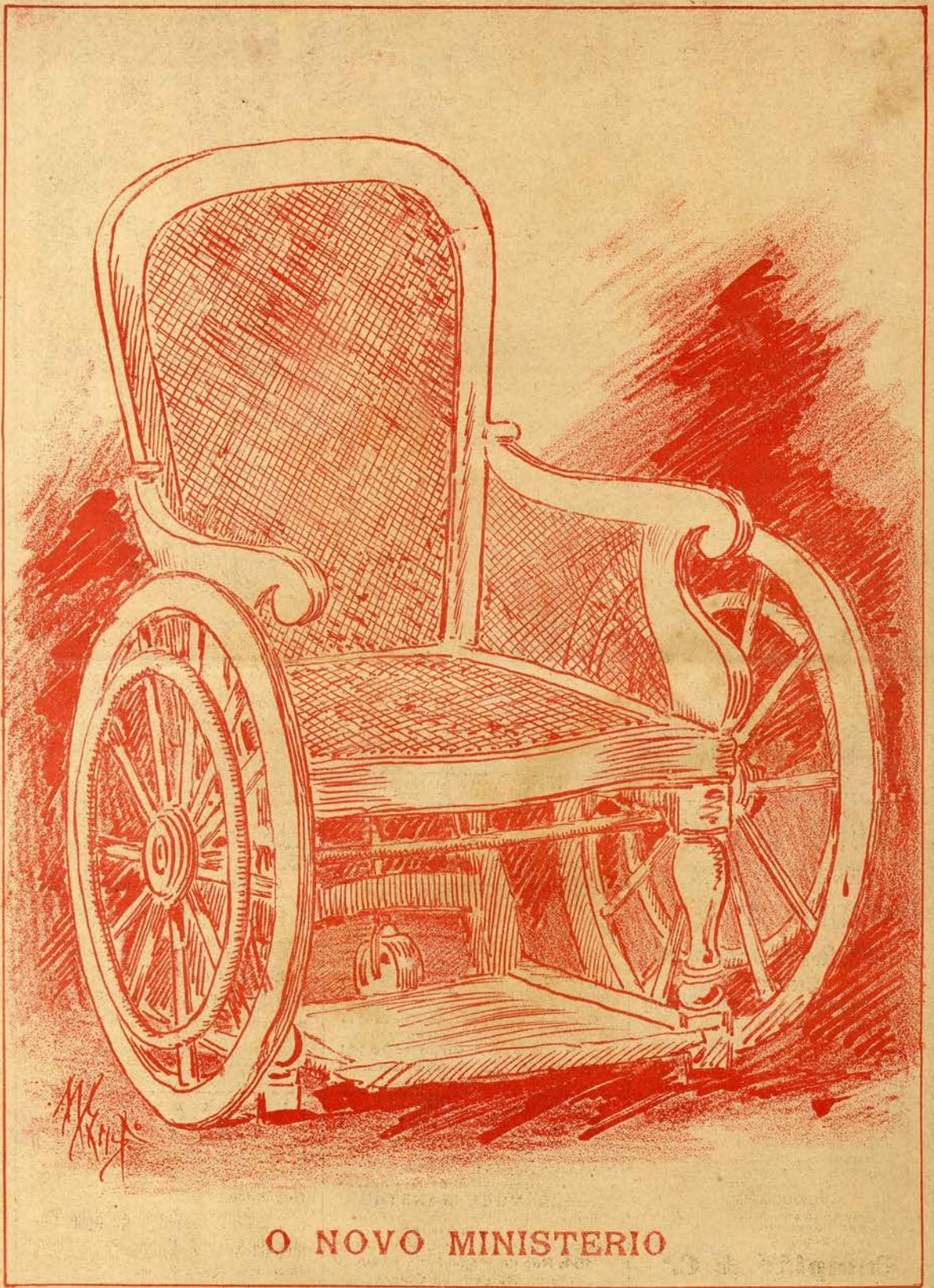
na parte superior um circulo tendo ao centro J. G. S.; as capsulas tem a marca circular «Collares Genuinos»

**V.ª J. G. S. & F.ª**  
**Collares**

nos e ao centro J. G. S. Nos rotulos existem as indicações da nossa proveniencia tendo travessado a indicacão, a tinta encarnada, de **Registado**.

E' só assim que **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** toma a responsabilidade pela pureza e confecção dos seus

**Genuinos vinhos de Collares**



O NOVO MINISTERIO